

Considerações sobre a *memória* em Machado de Assis

FABIANA FERREIRA DOS SANTOS

Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia.

e-mail: fabiana_fsm@yahoo.com.br

PAULA DA SILVA LISBÔA

Especialista em Teoria Literária pelo Centro Universitário de Patos de Minas.

e-mail: p.s.lisboa@hotmail.com

Resumo: O presente artigo intenciona refletir acerca das relações entre Literatura e Memória. Para tanto, evidencia, numa abordagem multidisciplinar, pontos de vista de diferentes áreas do conhecimento como Ciência, Filosofia e História, buscando contribuições para a perspectiva da Teoria Literária. Será ressaltada a produção artística de Machado de Assis e a recorrência da utilização da memória como recurso de criação literária. Em seguida, espera-se verificar em um texto específico, o conto “O lapso”, publicado pelo autor em 1884, o lugar da memória e suas implicações.

Palavras-chave: literatura; memória; “O lapso”; Machado de Assis.

Abstract: This article intends to cause a reflection on the relationship between Literature and Memory. In order to do so, it uses a multidisciplinary approach to show different points of view from various areas of knowledge, such as Science, Philosophy and History, and it searches for contributions to the perspective of the Literary Theory. Firstly, the artistic production of Machado de Assis and the recurrent use of memory as a resource in literary creation will be demonstrated. Then, the place of memory and its implications will be analyzed in a specific text, the short story “The Lapse”, published by the same author in 1884.

Keywords: literature; memory; “The lapse”; Machado de Assis.

Considerações Iniciais

A memória, como uma capacidade de fixação de informações, pode ter nas funções psíquicas uma primeira referência; entretanto, mais do que um mecanismo biológico e individual, representa um processo intrinsecamente relacionado à natureza social do homem, às suas formas de vida e organizações. Nesse sentido, compreendendo principalmente seu valor como fenômeno social e suas implicações em diferentes áreas do conhecimento, este estudo buscará em diversos contextos de investigações reflexões de autores representativos que centraram na memória seus estudos.

O trabalho se inicia, portanto, com considerações sobre o fenômeno da memória em si, passando a marcar o seu nexos íntimo com a vida social. Torna-se relevante, ainda, a análise da influência dos aspectos constitutivos das interações sobre a recordação

individual. A discussão de diferentes concepções teóricas pretende subsidiar análises no contexto de produções literárias, reconhecido como fonte privilegiada para a apreensão de aspectos da constituição de memória coletiva e individual. Ao estabelecer relações entre Literatura e memória, será ressaltada a obra de Machado de Assis, em especial um de seus contos, “O lapso”, publicado em 1884.

Concepções teóricas sobre a memória

Segundo Le Goff (1994), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (p. 423). No campo da ciência, o estudo da memória tem envolvido diferentes áreas como a Psicologia, a Neurofisiologia, a Biologia e até mesmo a Psiquiatria, e nomes representativos como os de Bergson e Halbwachs.

Bergson (1990), autor de *Matéria e Memória*, obra publicada em 1896, apresenta importantes contribuições acerca da operação da memória, superando dificuldades teóricas em lidar com o dualismo existente entre espírito e matéria. Ao afirmar a realidade de ambos, explicita papéis e resalta a memória como resultado da relação que estabelecem entre si. O corpo é considerado, neste estudo, como uma imagem privilegiada, uma vez que é centro da ação, e apresenta poder de decisão sobre todas as outras. Mais do que automatismos, há um estado afetivo de consciência que produz escolhas, acrescentando verdadeiramente coisas novas à história do indivíduo. Entretanto, “é o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro. Suprima a imagem que leva o nome de mundo material, você aniquilará de uma só vez o cérebro e o estímulo cerebral que fazem parte dele” (BERGSON, 1990, p. 10-11). Deste modo, a existência de nervos aferentes e eferentes e de transmissões de estímulos nervosos condicionadas pelo cérebro não são suficientemente autônomos para a representação de imagens. Além dos movimentos moleculares da substância cerebral, a existência da percepção pressupõe a relação mantida com os objetos. Portanto, seria um equívoco atribuir apenas a um sistema – ciência ou mundo da consciência – relevância no processo.

Vale ressaltar que a atividade voluntária “[...] ao invés de desenvolver-se apenas em movimentos, espiritualiza-se em conhecimento” (BERGSON, 1990, p. 19) Assim, as percepções estão impregnadas de lembranças, ou seja, aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência:

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos de duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela (BERGSON, 1990, p. 55).

Portanto, existe um lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas, uma consciência individual, que percebe um vasto mundo material, mas que seleciona pontos de atenção: “A imagem é escolhida para fazer parte de minha percepção, enquanto uma

infinidade de outras imagens permanece excluída” (BERGSON, 1990, p. 29).

Bosi (2003) ressalta a importância dos estudos de Bergson para a fenomenologia da lembrança, que orientaram a Psicologia Social. Entretanto reconhece que ao conduzir uma reflexão sobre a memória em si mesma, como subjetividade livre e conservação espiritual do passado, falta-lhe um tratamento enquanto fenômeno social.

Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre corpo e espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 2003, p. 54).

Por essa via, segundo Bosi (2003), Maurice Halbwachs e sua teoria psicossocial, estabelecem nexos entre a memória do indivíduo e a memória de seu grupo; e esta última à tradição, ou seja, a memória coletiva de cada sociedade.

O estudo da memória envolve investigações em diferentes áreas do conhecimento; todavia, em qualquer um dos contextos possíveis de análise, parece ser recorrente o surgimento de traços de memória social que apontam para sua estreita e importante relação com a história. Deste modo, constitui para esta disciplina das ciências humanas, que se ocupa mais da memória coletiva do que da individual, meio fundamental para a abordagem de temas.

Entre as diversas fontes disponíveis a historiadores para o resgate da memória, como, por exemplo, museus, arquivos, bibliotecas, cemitérios e arquiteturas, serão ressaltados, neste texto, os livros, a produção literária, considerada como forma privilegiada para a apreensão de aspectos da constituição da dinâmica social e discursiva de um povo. Nesse sentido, Baez (2006) observa que o “[...] vínculo poderoso entre livro e memória faz com que um texto deva ser visto como peça-chave do patrimônio cultural de uma sociedade e, certamente, de toda a humanidade” (p. 24).

A partir destas reflexões o autor problematiza as circunstâncias e motivos que poderiam impulsionar a destruição cultural. Pensando especialmente em livros, foco de sua pesquisa, conclui que, em diferentes momentos históricos, textos foram destruídos voluntariamente, principalmente, por representarem suportes da memória. Museus e bibliotecas correspondem a espaços que ao representarem o cultural, ou seja, o que há de mais significativo em um povo, identificam um patrimônio que

[...] tem capacidade de promover um sentimento de afirmação e pertencimento, pode sustentar ou estimular a consciência de identidade dos povos em seu território; é como uma carteira de identidade que permite preservar ações culturais propícias à integração (BAEZ, 2006, p. 24).

Assim, tais espaços se identificam, ainda, com a estrutura de poder e são alvos, por exemplo, de governos totalitários. Manguel (1997), em suas reflexões acerca da história da leitura, verifica como o acesso aos livros muitas vezes foi restrito em função

do perigo que poderiam representar. Senhores de escravos, ditadores, censores e até mesmo a Igreja Católica viram o poder da palavra escrita que favorece a reflexão e a ação. Deste modo, podemos concluir que

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1994, p. 426).

Documentos antigos explicitam a preocupação de reis com a criação de instituições como arquivos, bibliotecas e museus, que registram uma memória que é sobretudo real, já que neles são narrados principalmente feitos como vitórias militares e benefícios de sua justiça. Portanto, um olhar atento deve suscitar reflexões sobre como a memória pode se tornar “história”, ou seja, sobre a existência de diferentes versões ou pontos de vista sobre um mesmo fato, sendo que algumas são reconhecidas como detentoras da verdade. Do mesmo modo, a confiscação da memória coletiva também acontece desde os imperadores do mundo antigo, que por vezes faziam desaparecer o nome do último governador dos arquivos e das inscrições monumentais. Nesse sentido, segundo Le Goff (1994), “ao poder pela memória responde a destruição da memória” (p. 442).

Dada a importância da função social da memória, existem, nas sociedades sem escrita, homens-memória que desempenham o relevante papel de narradores. Nessa perspectiva os guardiões da história objetiva e ideológica não são apenas transmissores de conhecimento em sua comunidade, mas devido à dimensão narrativa assumida permitem à lembrança uma reconstrução menos repetitiva e com mais liberdade e criatividade. Com a passagem da oralidade para a escrita, a memória coletiva das sociedades será transformada, sendo que novas possibilidades de comunicação da memória como as inscrições e os documentos serão utilizadas. Na Idade Média, a memória sofre grande transformação, passando a servir essencialmente à difusão da doutrina cristã. Na história do ocidente, os livros sagrados insistem na necessidade da lembrança, e o apelo ao dever da recordação justifica o conteúdo das religiões.

A revolução da memória acontecerá com o surgimento da imprensa e a circulação do conhecimento, tendo no alargamento da memória coletiva, papel decisivo o aparecimento das enciclopédias. Após a Revolução Francesa, as Instituições de Memória começam a se expandir. Há a criação dos Arquivos Nacionais, instituições que inauguram uma nova fase na história, disponibilizando ao público documentos da memória nacional. Museus e bibliotecas são criados e abertos para visitação pública. Além das instituições de memória os monumentos ressurgem, incitando o povo a comemorar grandes acontecimentos e feitos históricos. Com a fotografia, o álbum de família se torna uma realidade que dá precisão e verdade visual às imagens do passado. Outros suportes de registro da memória, como moedas e selos, vem integrar-se a práticas sociais de armazenamento e disseminação da memória social.

Depois de 1950, a memória eletrônica, uma das operações fundamentais do computador, traz à cultura e à memória uma nova configuração. A Sociedade do Co-

nhecimento resulta do contexto complexo da nova tecnologia que possibilita a representação da informação em forma digital, rompendo com a continuidade dos vínculos de espaço e tempo. A memória biológica apresenta noções da hereditariedade. Neste novo contexto, surge a tendência de valorização das instituições da memória e da democratização do patrimônio histórico.

Discussões acerca da relação entre lembrança e esquecimento ou sobre a dimensão efêmera da memória também são relevantes, já que a capacidade de esquecer apresenta muitas funções. Serve como referência de tempo, pois as lembranças tendem a se tornar, a partir desse distanciamento, mais difusas, como instrumento de adaptação a novos aprendizados a partir da supressão de antigos padrões, e ainda como forma de aliviar a ansiedade decorrente de experiências dolorosas. Nesse sentido, “a função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável alterado [...] e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo” (STERN, 1957, p. 253 apud BOSI, 2003, p. 68). Assim,

[...] os psicanalistas e os psicólogos insistiram quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento, nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual (LE GOFF, 1994, p. 426).

A reconstrução do passado, por mais nítida que pareça uma lembrança, já não é mais a mesma imagem experimentada. Nossa percepção altera-se, surgem diferentes pontos de vista. A experiência da releitura é um exemplo da dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra tem em comum com o historiador. Para este também há a meta ideal de refazer, no discurso presente, acontecimentos passados. Posto o limite que o tempo impõe ao historiador, não lhe resta senão reconstruir, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos. Nesse esforço exerce um papel condicionante todo o conjunto de noções presentes, que involuntariamente, nos obriga a avaliar, logo, a alterar, o conteúdo das memórias.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstituir, repensar, com imagens de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi” [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 2003, p. 55).

A associação entre memória e espaço também é possível, uma vez que este pode adquirir características afetivas e mnemônicas. Nesse sentido, Poulet (1992), ao analisar a obra proustiana, em que há um extenso processo de lembrar e representar o passado, reconhece nos personagens uma busca não somente do tempo, mas também do espaço perdido. Assim,

o fenômeno da lembrança proustiana não tem somente por efeito fazer com que o espírito oscile entre duas épocas distintas: força-o a escolher entre lugares mutuamente incompatíveis. A ressurreição do passado, diz Proust, em resumo, força nosso espírito a “trébucher” [tropeçar] entre lugares remotos e lugares presentes [...] (POULET, 1992, p. 16).

Portanto, em Proust, a memória se liga a sensações espaciais, já que durante uma lembrança “[...] jamais um rosto aparece sem que se encontre uma moldura para incluí-lo, para lhe servir de suporte” (POULET, 1992, p. 28). Deste modo, os seres humanos reaparecem em nossas recordações em locais que determinam a perspectiva em que nos é permitido vê-los.

Poulet (1992), a partir da obra de Proust indica a existência da memória involuntária que conservaria as impressões da situação em que foi criada. Assim, lembranças surgiriam segundo motivos diversos, sendo fundamental a relação de semelhança com sensações experienciadas no passado como um perfume, um gosto ou som. Neste processo em que imagens ou percepções afloram é relevante o espaço, contexto repleto de significantes e significados. A memória individual ou coletiva não existe sem referência a um quadro espacial específico, as recordações são conservadas por meio da referência ao meio material que as cercava.

Segundo Le Goff (1994), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (p. 476). Nesse sentido, dando sentimento de continuidade e de coerência a uma pessoa ou grupo, a memória pode ser vista como fio condutor para a compreensão da identidade, sendo nesse viés um dos assuntos mais discutidos atualmente. Bauman (2005) apresenta uma análise da sociedade moderna, que no contexto da globalização, tem noções como identidade e pertencimento problematizadas:

Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de idéias ou princípios”, sejam genuínas ou supostas, bem integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas em resolver a questão da *la mêmète* (a consistência e continuidade da nossa identidade com o passar do tempo) (BAUMAN, 2005, p. 19).

Deste modo, a ideia do estabelecimento de uma identidade nacional é redescoberto como meio de assegurar um rosto à coletividade, face aos desequilíbrios e às velozes e constantes alterações nos quadros sociais. Debates ampliam-se e com eles, a tendência para a valorização do papel das instituições da memória e do patrimônio cultural.

A cultura, vista cada vez mais como uma memória do coletivo, tem na literatura papel privilegiado. Pinto (1998) mostra como a literatura do escritor argentino Jorge Luis Borges, situando algumas características dos cidadãos e de sua pátria, apresenta aspectos de nacionalidade e favorece a produção de uma memória coletiva. Buenos

Aires se torna, nos textos de Borges, uma personagem de destaque entrelaçando ficção, memória e história. Muitos escritores têm, ainda, relatado a íntima relação existente entre suas experiências pessoais e sua produção literária. Deste modo, ressaltam como o processo de criação tem, muitas vezes, como estímulo a memória de uma imagem, de uma cena ou de um perfume. Nesse sentido, Gabriel García Márquez (1993) enfatiza a influência extraliterária que provém de sua identidade cultural e geográfica, do cotidiano de sua infância, dos avós que lhe contavam por meio da tradição oral histórias fantásticas e inusitadas. Assim, seus textos resultariam de histórias ou confidências pessoais codificadas.

O lugar da memória em Machado de Assis

No ensaio *A viravolta machadiana* (2004), Schwarz considera a produção literária de Machado de Assis revolucionária, uma vez que, afastando-se de fórmulas fáceis, romanescas e patriotas, que agradavam ao público leitor do período, oferece à ficção brasileira obras que superavam limitações e inconsistências, apontando para uma verificação satírica de funcionamentos sociais. Deste modo, opondo-se ao ponto de vista que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, Machado de Assis tinha em mente um brasileirismo diferenciado do romântico:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quanto trate de assuntos remotos, no tempo e no espaço (MACHADO DE ASSIS, apud COUTINHO, 2004, p. 2).

Assim, apesar da acusação feita pela crítica de recuar da particularidade brasileira para o universalismo, o autor afirma a correspondência entre seu estilo e as particularidades da sociedade brasileira, escravista e burguesa ao mesmo tempo. O fato de à primeira vista parecer enfatizar o universal, pode ser considerado uma estratégia de embuste, já que não desconsidera o provinciano, nem deixa de lado o objetivo de captar a feição brasileira. Esta ousadia crítica que traz um modo diferenciado de falar do nacional ainda desconcerta, sendo para Schwarz (2004) um dos aspectos que sustenta a importância dos grandes livros machadianos. Os intelectuais brasileiros, sob influência europeia, diziam-se liberais, mas continuavam integrados à sociedade escravista. Percebendo algo profundamente errado, as ideias “fora do lugar” (SCHWARZ, 2000, p. 10), Machado encontrará na ficção espaço para com seu senso crítico e discernimento histórico e social, retratar a sociedade brasileira. Nesse sentido, a produção literária de Machado de Assis é reconhecida como um tratado de memória, em que a sociedade da época é descrita.

Como cronista, Machado de Assis produziu, para diversos jornais, textos em que, além de comentar os mais variados assuntos da vida do Rio de Janeiro e do país, veiculavam reflexões críticas e posicionamentos frente à realidade brasileira em dife-

rentes âmbitos. Deste modo, sua produção literária como um todo favorece a compreensão da identidade nacional, representando suporte de memória e patrimônio cultural.

Uma outra marca da ousadia do autor reside na figura do narrador que transgride os padrões da norma literária oitocentista. Arbitrário, humorístico e agressivo, sujeita os personagens, a própria narrativa e o leitor. Nesse sentido, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) é, segundo Schwarz (2004), a obra da viravolta machadiana, pois até então o romance de nosso país era narrado por alguém que, aliando-se à campanha pela identidade e cultura nacionais, apresentava a beleza de nossa natureza, a graça das mocinhas e os progressos das cidades. Inconstante e parcial, Brás Cubas, um narrador defunto e, portanto, figura duvidosa, torna-se para a crítica da época a transgressão da sensatez, da verossimilhança, e das continuidades de lugar e tempo: “[...] faltando credibilidade ao narrador, as feições que constantemente ele veste e desveste têm verdade incerta [...]” (SCHWARZ, 2001, p. 23).

A volubilidade que permite a Brás Cubas passar de uma atitude a outra desmoralizando regras e fazendo pouco de conteúdos e formas é, segundo Schwarz (2001), o princípio formal do livro, que reproduz na ficção literária a conduta da classe dominante brasileira. O ritmo da assimilação e da superação das posturas e ideias, a alternância entre o entusiasmo pelas novidades e o tédio em relação ao que foi adquirido, o reconhecimento e banalização dos antagonismos e a volubilidade desrespeitosa constituíam, por assim dizer, a conduta habitual da elite. Deste modo, “[...] a volubilidade de Brás Cubas é um mecanismo narrativo em que está implicada uma problemática nacional. Esta acompanha os passos do livro, que tem nela o seu contexto imediato” (SCHWARZ, 2001, p. 47). Ao assimilar o movimento sinuoso da sociedade e explicitá-lo em sua literatura, Machado de Assis encontra modo particular para combater a prepotência e a irresponsabilidade dos poderosos. Ele apenas recriava a essência da realidade social, realizando uma façanha estética, e proporcionando uma visão mais verdadeira de nós mesmos e a possibilidade de, com isso, ser assumido um compromisso crítico com uma efetiva dignidade humana na nossa sociedade.

Segundo Schwarz (2001), em Machado de Assis não há frase sem segunda intenção ou propósito espirituoso. A escolha de uma técnica narrativa, por exemplo, é um dos aspectos que tem muitas implicações. A presença de um personagem-narrador pode tornar a narrativa desleal. Nos romances e contos do autor, é recorrente a utilização do foco narrativo em primeira pessoa, estratégia para a construção de narrativas ficcionais ambíguas. Teoricamente, o narrador em primeira pessoa perde a onisciência, ou seja, não tem acesso ao estado mental das demais personagens, aos seus sentimentos e às suas percepções. Dessa forma, o leitor vive numa ambiguidade estranha em relação aos acontecimentos, não podendo alcançar a visão objetiva do narrado, mas apenas aquela que faz parte de percepções sob a forma de lembranças.

Nesse sentido, em Machado de Assis, a composição artística passa, por vezes, pelas memórias dos personagens, que se propõem a, por motivos diversos, revisitar o passado. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*,

[...] a forma do romance é biográfica, entremeadada de digressões e episódios cariocas. Passam diante de nós as estações da vida de um brasileiro rico e desocupado: nascimen-

to, o ambiente da primeira infância, estudos de Direito em Coimbra, amores de diferentes tipos, veleidades literárias, políticas, filosóficas, científicas, e por fim a morte (SCHWARZ, 2001, p. 63).

Melquior (1996) observa entre *Em busca do tempo perdido* (1913) de Proust, e o romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, semelhanças, já que em ambas as obras, as quais considera “impressionistas”, a percepção do tempo e os ritos de memória aparecem como motivos para a produção literária. Há lembrança crítica e uma compreensão do sentido de uma experiência passada. Bentinho afirma a experiência emocional da lembrança que é viva, da saudade do tempo perdido, e da sensação insubstituível do tempo reencontrado. Seu lembrar é uma forma personalizada de contemplação, na qual se encontra a significação profunda do retorno ao relato subjetivo, regido pela consciência do tempo íntimo, que dá o ritmo da narrativa. Assim como na obra proustiana, também é pertinente no romance a associação entre memória e espaço, posto que em suas lembranças o personagem revê rostos e acontecimentos da infância e adolescência inseridos em ambientes. Deste modo, em *Dom Casmurro*, a memória se liga a sensações espaciais.

Em *Memorial de Aires* (1908), único romance do autor em que traços autobiográficos se fazem presentes, Conselheiro Aires, diplomata aposentado que já fora o narrador de *Esau e Jacó* (1904), redige um memorial, abrangendo os anos de 1888 e 1889. No diário íntimo, observa os personagens principais, procurando adivinhar-lhes o íntimo por meio de suposições próprias ou por meio de informações alheias.

No conto “Missa do galo” (1899), o narrador Nogueira traz à memória as lembranças truncadas e confusas de uma noite, que também surge ao leitor envolta em enigmas. A recordação envolve uma conversa tida anos antes, quando o narrador tinha apenas dezessete anos, com uma senhora, Conceição. O tumulto interior do rapaz transparece numa conversa sem sentido, de palavras espaçadas e longos silêncios, que para ele sugere um grande jogo de sedução. Captando os pequenos gestos e os movimentos mais sutis da personagem, fica o questionamento: “É se a memória mais não fosse que um produto da imaginação?” (BRETON, CARNETS, 1822 apud LE GOFF, 1994, p. 471). Em “Uns braços”, Machado de Assis põe em cena as memórias de Inácio, também atraído em sua sensualidade nascente por uma senhora, Severina. Em sua narrativa, vê-se num remoto palco da memória, mas mergulhado na penumbra, já que em alguns trechos do conto não são claros os limites entre realidade e sonho. Assim, em ambos os contos, durante o mecanismo de recuperação de informações, surgem o esquecimento e a hesitação, o que pode ter como causa um fator repressivo de caráter inconsciente, como sugerem psicanalistas e psicólogos.

Vale ressaltar que estudiosos do fenômeno da memória têm indicado a dificuldade de se reconstruir o passado, já que o distanciamento em relação aos fatos altera percepções e sentimentos, fazendo com que lembrar não seja reviver, mas de uma nova perspectiva repensar acontecimentos. Assim, é permitido ao leitor duvidar das narrativas de personagens como Bentinho, Nogueira ou Inácio, que resultam em diferentes significações e na grande literatura de Machado de Assis.

“O lapso”, de Machado de Assis

O conto “O lapso” foi publicado inicialmente na *Gazeta de Notícias* em abril de 1883, sendo no ano seguinte editado na coletânea *Histórias sem data*. O texto partilha com “O alienista” (1881) o motivo da ciência, e parecem ambos resultar de reflexões suscitadas por leituras de cunho psiquiátrico, publicações do cientificismo positivista do século XIX. Uma visita ao acervo restante da biblioteca de Machado de Assis confirma o interesse do autor por novidades trazidas ao domínio do conhecimento por pesquisadores das ciências naturais. De acordo com Barbieri (2001), encontram-se em seu acervo, hoje localizado na Academia Brasileira de Letras (ABL), os títulos: *Le Philosophie de l'inconsciente*, de Édouard von Hartmann, 1877; *Prolégomènes à la psychogénie moderne*, de Pierre Siciliani, 1880; *L'Homme selon la science* e *La vie psychique des bêtes*, ambos de autoria do Dr. Louis Büchner, editados em 1881; *Les maladies de la mémoire*, de Théodule Ribot, 1881; e *Physiographie*, de Th. H. Huxley, 1882. Segundo o pesquisador, apesar de escassa, a relação de obras decepciona pela ausência de nomes importantes, considerados como referência para a constituição da psiquiatria. Entretanto, a autenticidade do acervo é problemática, uma vez que, até sua doação para a ABL, é reconhecido que obras se perderam e que outras podem ter sido acrescentadas pelos herdeiros. Em “O lapso”, por exemplo, encontra-se uma citação literal de um texto não encontrado na biblioteca de Machado de Assis.

Vale lembrar que Vianna (2001) reconhece não ser uma prática comum a Machado de Assis fazer considerações nas margens dos textos lidos. No entanto, verifica que a prática de marcação de leitura pode ser observada em mais de 10% da coleção. Nesse sentido, encontra-se assinalado em Ribot (1881), página 7, o capítulo “A memória como fato biológico” e as páginas 74 e 75, do capítulo “A amnésia geral” são marcadas com fita de leitura. Torna-se ainda relevante a observação de que dois dos volumes citados anteriormente por apresentarem estudos relativos à Psicologia e Psiquiatria, destacam-se por terem sido muito manuseados pelo autor. São eles: *Le Philosophie de l'inconsciente* (1877), de Hartmann e o de Th. H. Huxley, *Physiographie*.

Segundo Barbieri (2001), a leitura de Siciliani (1880) explicita desde seu primeiro parágrafo a importância da Psicologia, uma ciência que surgia como o fundamento de todo o saber filosófico positivo, resultante do cientificismo do período. A produção literária de Machado retrata possíveis influências de tais estudos e saberes: personagens como Simão Bacamarte, de “O alienista”, Alferes Jacobina, de “O espelho”, Quincas Borba, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, e o Dr. Jeremias Halma, de “O lapso”, são exemplos de caricaturas das ambições cientificistas daquele contexto.

Em franca oposição ao que pregava a retórica otimista da época, a mordacidade crítica do narrador machadiano desmonta o aparato de verdades científicas que as mascaravam e abala no leitor os fundamentos de certezas em que assentavam o valor gnoseológico e a eficácia positiva que elas prometiam (BARBIERI, 2001, p. 338).

Luria (1999) apresenta um caso científico, mas com tratamento literário, de um homem com uma ampla memória ou hipermnésia. Enquanto para a maioria das pesso-

as lembrar-se de algo pode se configurar como problema, para este homem dono de uma memória sem limites o problema residia em esquecer. Por outro lado, a análise do conto “O lapso” evidencia um caso curioso de esquecimento. Tomé Gonçalves, completamente esquecido de pagar aos seus devedores, terá diagnosticada pelo médico Jeremias Halma, não uma falha moral, mas uma doença: o lapso de memória.

Ao consultar os volumes da biblioteca do autor em busca de fontes de interlocução com a ficção machadiana, Barbieri (2001) irá encontrar em *Les maladies de la mémoire* (1881) discussões que parecem servir como fundamento para a produção do conto em questão. Na obra, Ribot desenvolve uma teoria acerca das falhas parciais de memória, defendendo a existência de um parcelamento de funções, e não de uma faculdade unitária. Nessa perspectiva, seria aceitável que uma função desaparecesse enquanto outras atividades mnemônicas continuassem inalteradas. Faltando-lhe estudos sistêmicos acerca da estrutura e funcionamento da linguagem, o autor se limita a apresentar a origem e evolução de alguns casos.

Podem ser verificadas semelhanças entre este texto científico publicado em 1881 e o conto de Machado de Assis, veiculado em 1883. Assim, de acordo com as conclusões a que chega Barbieri (2001), a terminologia científica de Ribot aplica-se ao personagem Tomé Gonçalves, que sofria de uma “desordem da memória”, definida como “uma forma de amnésia parcial”, que se manifesta por meio do sintoma da afasia, podendo esta ser permanente ou transitória. Felizmente, o Dr. Jeremias Halma irá diagnosticar a enfermidade de Tomé Gonçalves como curável.

Tendo como referência a forma retórica do discurso da ciência, Machado de Assis, leitor de Ribot (1881), parece realizar uma paródia da argumentação médica. Deste modo, um exemplo de lapso de memória, apresentado em *Les maladies de la mémoire*, o de um homem que não reconhecendo sua mulher, dizia-lhe que precisava ir para junto da esposa e dos filhos, ganha uma nova configuração no conto. Dr. Jeremias, ao tentar convencer dois credores da eficácia do tratamento que poderia oferecer, conta-lhes como curou uma senhora que havia perdido a noção do marido: “[...] a princípio confundia o marido com um licenciado Matias, alto e fino, quando o marido era grosso e baixo; depois com um capitão, D. Hermógenes, e, no tempo em que comecei a tratá-la, com um clérigo. Em três meses ficou boa” (ASSIS, 1975, p. 71). Assim, Barbieri (2001) conclui que

enquanto a exposição do psicólogo apresenta-se com gravidade de quem pretende ter alcançado uma nova verdade científica, e para enunciá-la, necessita elaborar um discurso coeso e convincente, a narrativa do ficcionista desmascara, sob a aparência de falsa seriedade, a inconsistência da construção monolítica e presunçosa (p. 343).

Torna-se evidente o tom de anedota e crítica da narrativa. Na epígrafe do conto, encontra-se um trecho bíblico do livro do profeta Jeremias: “E vieram todos os oficiais... e o resto do povo, desde o pequeno até ao grande. E disseram ao profeta Jeremias: Seja aceita a nossa súplica na tua presença” (XLII; 1-2). Com alguns cortes, Machado de Assis adequou o trecho ao contexto satírico do conto, em que o cientista-psiquiatra e o profeta bíblico têm o mesmo nome. O Dr. Jeremias Halma passa a ser

visto como um profeta da psicanálise, ou como um profeta da alma, uma alusão ao seu sobrenome. O médico foi descrito como um homem que

viajara muito, sabia toda a química do tempo, e mais alguma; falava correntemente cinco ou seis línguas vivas e duas mortas. Era tão universal e inventivo, que dotou a poesia malaia com um novo metro, e engendrou uma teoria da formação dos diamantes. Não conto os melhoramentos terapêuticos e outras muitas coisas, que o recomendam à nossa admiração. Tudo isso, sem ser casmurro, nem orgulhoso (ASSIS, 1975, p. 66).

Machado de Assis apresenta o cientista de modo irônico. Assim como o Dr. Simão Bacamarte, de “O alienista” (1881), o personagem Jeremias é visto com o respeito de sua autoridade médica. Entretanto, donos de tantos saberes, ambos saem da Europa, morrendo na obscuridade das terras brasileiras. Nos dois casos o cientista é vítima de sua ciência, já que Simão Bacamarte acaba internando-se como o verdadeiro demente, e Jeremias Halma é o único a não alcançar pagamento, nem de Tomé Gonçalves nem de nenhum de seus credores.

O tratamento aplicado pelo médico contempla dois procedimentos: a prescrição de um remédio milagroso que restaura na mente o campo semântico danificado e o exercício da contemplação dos gestos esquecidos, por isso “o médico levava o doente às lojas de sapatos, para assistir à compra e venda da mercadoria, e ver uma e muitas vezes a ação de pagar” (ASSIS, 1975, p. 73). Curando Tomé Gonçalves, Jeremias restabelece a tranquilidade social, mas é inevitável a indagação quanto à validade do procedimento que continua a resultar em débito. Deste modo, Machado de Assis evidencia, no conto, o questionamento da ciência e de seu agente, dando voz cômica à racionalidade científica. O médico, que ocupa na sociedade papel de respeito, possuindo credibilidade frente à ingenuidade das pessoas, é ironicamente comparado ao profeta, apresentando um discurso que é visto, naquele período, como a verdade incontestável e eterna da ciência. A observação das relações sociais também explicita a posição do personagem Tomé Gonçalves, que, além de abastado, ocupava o cargo de vereador, o que justifica o cuidado com que seus credores continuam a tratá-lo. O medo de um desentendimento com uma pessoa tão importante impede as cobranças e aponta comportamentos e perfis que definem as diferentes classes.

Portanto, além da forte relação apresentada entre Literatura e estudos científicos da memória, aparecem no decorrer da narrativa de “O lapso” (1883), retratos sociais e várias localizações precisas de lugares, além de alusões aos costumes e à situação político-administrativa. Assim, pode-se afirmar que a paisagem urbana e social do Rio de Janeiro do século XIX constituíram forte inspiração para a escrita machadiana, sendo que muito do imaginário da época pode ser captado por meio de sua produção.

Considerações Finais

Ao intencionar reflexões sobre o lugar da memória na produção literária de Machado de Assis e suas implicações, fez-se necessário considerá-la na interação entre múltiplas áreas do conhecimento. A partir do entendimento da Literatura como uma

manifestação cultural e “memorial” das práticas sociais de transmissão da memória coletiva, a narrativa ficcional do autor foi reconhecida, neste estudo, como legado de memória nacional. Ao retratar de forma crítica, em romances, contos e crônicas o cotidiano do Rio de Janeiro e da sociedade brasileira, Machado reproduz a história de um período, cuja compreensão favorece reflexões acerca da identidade de nosso país.

Foi observada, ainda, a recorrência de produções que se configuram como memórias de um narrador-personagem, que se propõe à reconstrução de seu passado. A utilização deste recurso possibilita a composição de narrativas ambíguas e com efeitos de sentido diversos. Nesse sentido, o leitor precisa desconfiar dos fatos tal como são apresentados, já que contempla apenas um ponto de vista, o do narrador. Também deve ser considerado o distanciamento temporal diante das recordações, pessoas e lugares, o que comprovadamente tende a provocar mudanças significativas na memória afetiva e no passado de um modo geral.

A observação dos livros que compõem a biblioteca de Machado de Assis revelou o interesse do autor por questões da ciência de seu tempo, o que leva a sua crítica a apontar possíveis influências em sua literatura da Psicologia e da Psiquiatria. Deste modo, no conto analisado, “O lapso” (1883), encontram-se importantes noções acerca dos estudos científicos da memória, mesmo que no texto o tema possa ser apenas um pretexto para ironias e reflexões acerca da ciência positivista e dos comportamentos sociais.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- BAEZ, Fernando. *História universal da destruição de livros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, Éclea. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BARBIERI, Ivo. O “lapso” ou uma psicoterapia de humor, in: JOBIM, José Carlos (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001, p. 335-347.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MELQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

GARCIA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cheiro de Goiaba*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

PINTO, Julio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade/ FAPESP, 1998. 333p.

POULET, Georges. *O Espaço proustiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000.

_____. "A viravolta machadiana", in: *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, domingo, 23 de maio de 2004, p. 9-11.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2001.

VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis, in: JOBIM, José Carlos (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001, p. 99-274.